

03-03-2021

## O PAÍS DOS LIVROS ABANDONADOS

**Ricardo Fernandes Gonçalves**

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Os lares brasileiros raramente possuem livros. As casas que guardam livros geralmente são as de professores universitários, literatos, artistas e intelectuais. Inclusive, muitas aquisições desse objeto anômalo à sociedade brasileira é, conforme diz Carlos Nelson Coutinho, uma parte da cultura ornamental, aristocratizante e elitista. Todos conhecem pessoas que transmitem a sua imagem nos livros que possuem. Exibem livros nas estantes e posam como leitores. Alguns desses até desejariam comprar erudição em cápsulas. Contudo, esses mesmos sujeitos leem pouco e efetivam sua experiência humana distantes desse objeto opúsculo. Suas experiências são mais ligadas aos estrategismos cotidianos, aos apanágios de consumo, ao proselitismo doméstico e à gestão liberal da vida. A subjetivação liberal afasta o sujeito do livro para insuflá-lo nos negócios e nas esferas de poder institucionais. Alguns conhecem pessoas que consolidam a sua visão de mundo, a sua significação da vida e do trabalho, o seu entendimento de categorias da sociedade como classe, corpo, subjetividade, sofrimento e alegria debruçadas nos livros. Sabem que a leitura modula e dilata a sua experiência no mundo. E essas pessoas estão dentro e fora da Universidade, encontram-se nas praças, nos sebos, nas academias, nas bibliotecas, nas salas de aula, nos institutos e nas livrarias. Os livros as acompanham nas viagens, nos bares, na padaria, na feira de domingo e até na sala de cirurgia (como o caso de um médico anestesista aposentado que nunca acompanhava uma cirurgia sem ter em sua pasta um livro de Rubem Alves ou romances clássicos). Em contrapartida, a imensa camada de trabalhadores empobrecidos brasileiros está distante dos livros.

De maneira precária os trabalhadores se relacionam com a leitura apenas nas escolas. Não obstante, em momentos fortuitos e fragmentados.

Os livros não os acompanham na compra de jornal como era o caso de Drummond; nem sobem as paredes de suas casas como era o caso de Pablo Neruda; muito menos radicam-se nas prateleiras de dicionários como é o caso de Chico Buarque; ou realizam a satisfação sensorial do odor dos sebos como era o caso de João Ubaldo Ribeiro. Clarice Lispector quando chegava numa cidade guardava tempo para visitar as livrarias. Bernardo Élis destinava dias às bibliotecas. Livros, vários disseram, são naves, com eles viajam no mundo inteiro. Com eles viajam dentro de si, e também aos planetas inexistentes e necessários, como o da fantasia. Todavia, a classe trabalhadora brasileira está longe disso. A formação socioespacial brasileira se estabeleceu abrigada no poder do latifúndio violento e das oligarquias agrárias clientelistas.

Mas, a ocorrência desse fato não traduz uma identificação, um pertencimento e um amor autênticos pelos livros. Demonstração desse fato foi experienciada por mim no Condomínio em que moro em Goiânia (GO).

Em um dia fortuito fui ao depósito de lixo. Ao chegar no depósito fiquei atordoado diante de um monturo peculiar: livros descartados em caixas.

Havia apostilas e livros didáticos de geografia, biologia, matemática, história e português do Ensino Médio. Ademais, o que me deixou ainda mais atônito foi a constatação de que naquelas caixas existiam livros de Cora Coralina, Cecília Meireles, Machado de Assis e Gabriel Nascente. Esse último, um conhecido poeta goiano, autor dos versos “*O mundo está solto na rua, / vagabundo como demônio: / girando, girando, / crianças morfinas, / cartazes hediondos.*” Não tive dúvidas, revirei as caixas e juntei os livros que passaram a fazer parte de minha biblioteca.

Ademais, recentemente erigiu-se, sob a ação tacanha dos empresários do agronegócio, inclusive uma música própria e concernente a esses sujeitos. Poderia se afirmar: o agro é musical. E, assim, o agro não é literário e nem filosófico. Essa classe endinheirada à custa da concentração de terras, pilhagem das águas, do ar e das florestas, prefere imensas piscinas, *resorts* luxuosos, churrasqueiras em suas fazendas paradisíacas. Nada de livros. Constata-se que a formação socioespacial brasileira não está para os livros.

Frente a essa contradição, o livro se torna ainda mais essencial.

Por intermédio deles os conflitos e as contradições sociais são elucidados; a fundamentação do trabalho na experiência humana, na promoção de saúde e no fator de adoecimento é interpretada; a força do Estado na organização do território é compreendida.

Os livros facultam a leitura da segregação socioespacial, filha da modernização conservadora; propiciam o deslindar crítico do monopólio da riqueza, da terra e do território. Nos livros enxergam-se o devir humano infinito, a face problemática do ser humano, as suas graças e júbilos; a sua potência transformadora e os seus sonhos.

Tudo é narrado e universalizado; e se a experiência não for narrada, ela não existe para a consciência. Talvez pudéssemos parodiar a poetisa Valéria Cristina da Silva: “os livros são os armazéns dos anos”.

Por isso, negá-los à sociedade brasileira redundaria na manutenção do “desenvolvimento moderno do atraso”, conforme sinalizado pelo crítico literário Roberto Schwarz.

Quem anda próximo a mim, formal ou informalmente, escuta a declaração de minha perplexidade: a própria universidade não tem intimidade com os livros. Demorei para entender esse estranhamento. Leitores são poucos e raramente são identificados nas salas, corredores, auditórios e bibliotecas das universidades.

Ocorre ainda de os ínfimos leitores que existem nesta instituição, aqueles sujeitos que defendem a convivência com os livros, serem vítimas de sarcasmo e considerados excêntricos. São vistos como seres exóticos, que vivem no “mundo da lua”, bitolados e antiquados por preferirem ler um romance no final de semana do que sair para o churrasco ou para o bar beber cerveja.

Enquanto milhões de brasileiros edificam suas experiências de vida distantes dos livros, parte da classe média os adquire com facilidade nas livrarias. Alguns compram livros apenas quando indicados nas escolas frequentadas pelos filhos; outros consideram a leitura uma atividade diletante e, por isso, ostentam livros que prometem ensinar a desvendar a mente de milionários. No painel dos livros conselheiros há de tudo, inclusive conselhos para se ter coragem de ser imperfeito; para usar o pensamento para enriquecer; para transformar as crises num bem de superação econômica.

Entre eles: *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles; *A menina, o cofrinho e a vovó*, de Cora Coralina; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; e *Inventário poético*, de Gabriel Nascente.

A descoberta desses livros no depósito de lixo do Condomínio me deixou não só perplexo. Ela tornou-se peça simbólica de um país cuja formação social não efetivou o convívio com os livros.

Pelo contrário, consolidou uma cultura de desprezo pelos livros na mesma medida em que os negou aos trabalhadores. Negou a eles os livros, como também o acesso pleno à saúde e à educação pública, ao trabalho, à terra, à alimentação e à moradia digna.

**Brasil, um país de livros e direitos abandonados!**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*